ARTIGO

COMO NO OVERLOOK?

Sérgio José Custódio¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9019-8564>

RESUMO:

O artigo explora possibilidades analíticas da relação entre racismo e antirracismo. O faz por intermédio de ocorrências de racismo institucional em hotéis e de correspondentes ações antirracistas. A abordagem é interdisciplinar, abrange história, psicologia, sociologia política, literatura, cinema. Há variação do racismo no tempo? Há variação do antirracismo no tempo? O que permanece? Há relação entre o racismo e o fascismo no Brasil? De que maneira isso aparece? Há relação entre antirracismo e política pública? A análise busca refletir sobre essas questões. O artigo sustenta que a ação antirracista é fundamental para o surgimento de uma política pública e para o combate ao fascismo, na medida em que o racismo estrutura o fascismo.

PALAVRAS-CHAVE:

racismo, antirracismo, Overlook, racismo institucional, fascismo.

ABSTRACT:

The article explores analytical possibilities of the relationship between racism and anti-racism. It does so through occurrences of institutional racism in hotels and corresponding anti-racist actions. The approach is interdisciplinary, covering history, psychology, political sociology, literature, cinema. Is there a variation of racism over time? Is there a variation of anti-racism over time? What remains? Is there a relationship between racism and fascism in Brazil? In what way does this show up? Is there a relationship between anti-racism and public policy? The analysis seeks to reflect on these issues. The article argues that anti-racist action is fundamental for the emergence of public policy and for the fight against fascism, as racism structures fascism.

KEYWORDS:

¹ Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Sociais e História da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, Brasil. O autor é graduado em Ciências Econômicas pela Unicamp, mestre em Educação pela USP e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas das Políticas Públicas para a Inclusão Social (GEPPIS-USP). Email: sergiojosecustodio@usp.br.

racism, anti-racism, Overlook, institutional racism, fascism.

RESUMEN:

El artículo explora las posibilidades analíticas de la relación entre racismo y antirracismo. Lo hace a través de ocurrencias de racismo institucional en hoteles y las correspondientes acciones antirracistas. El enfoque es interdisciplinario, cubriendo historia, psicología, sociología política, literatura, cine. ¿Existe una variación del racismo a lo largo del tiempo? ¿Existe una variación del antirracismo a lo largo del tiempo? ¿Lo que queda? ¿Existe una relación entre racismo y fascismo en Brasil? ¿Cómo aparece esto? ¿Existe una relación entre el antirracismo y las políticas públicas? El análisis busca reflexionar sobre estos temas. El artículo sostiene que la acción antirracista es fundamental para el surgimiento de políticas públicas y para la lucha contra el fascismo, ya que el racismo estructura el fascismo.

PALABRAS CLAVE:

racismo, antirracismo, Overlook, racismo institucional, fascismo.

COMO NO OVERLOOK?

“Para apreender o racismo no país, como ele produz e foi produzido historicamente pelo Estado e pela sociedade ampla – bem entendido, visando combatê-lo -, não é suficiente presumir práticas interpessoais de sua expressão, como o preconceito. Hoje, para além de suas mediações interpessoais, o racismo é mantido e construído, igualmente, no âmbito das instituições”²

1. BREVE INTRODUÇÃO.

O tema deste artigo é racismo e antirracismo no Brasil. Isso abre para uma ampla agenda de pesquisas, entretanto. Por isso, se explorará apenas algumas dimensões particulares aqui: a dinâmica do racismo institucional, percebido através de episódios sintomáticos em hotéis, uma instituição privada; a dinâmica conceitual do par

² Rosenberg (2017, p. 132).

racismo/antirracismo que envolve esses casos; as possíveis conexões e extrapolações teóricas entre o par racismo/antirracismo e fascismo/antifascismo.

A perspectiva teórica que informa o artigo é interdisciplinar, mais especificamente, a psicanálise; o estudo das instituições e da violência das organizações, e a estética do fantástico literário latino-americano, a estética do absurdo, a história. A metodologia é comparativa, por meio de pesquisa de documentos e análise de conteúdos de fontes secundárias e primárias, como diários, jornais, livros.

2. A PERGUNTA OU QUESTÃO TEÓRICA DO ARTIGO.

Há variados episódios de racismo e de fascismos na sociedade brasileira nos últimos anos (Lourenço, 2006; Ramos, 2017). Será que são o mesmo racismo e o mesmo fascismo de tempos passados? Que elementos teóricos são necessários para pensar o racismo e o antirracismo no Brasil? É a ação antirracista que gera a política pública antirracista ou a política pública antirracista cai do céu, feito obra de iluminados? Qual a relação entre racismo e fascismo no Brasil?

3. HIPÓTESE.

Há uma variabilidade do racismo e do antirracismo ao longo da história do Brasil. Dois tipos de racismo e dois tipos de fascismo, ao menos, inscrevem-se na história do Brasil dos séculos XX e XXI. Para cada tipologia inscreve-se um antirracismo e um antifascismo, como um par complementar, ao menos, sob o risco da fragilização do combate a dominância social. Como fruto da dura peleia entre o antirracismo e o racismo brota a política pública, cada uma com sua potência antirracista particular, dado pelo jogo de forças no campo político. Do racismo brota o fascismo.

4. HOTÉIS.

Uma instituição como um hotel pode ser também a morada de muitos fantasmas, mortos e vivos, como naquele hotel Overlook do filme “O Iluminado”, de Stanley Kubrick (The Shining, 1980), inspirado no livro de mesmo nome de Stephen King (2020 [1977]). O fantasma do racismo ronda as instituições, os hotéis, sua institucionalidade, sua lógica organizacional.

Feito juro numa conta bancária, sua força se acumula de modo secreto e silencioso, para parodiar uma metáfora de King (2020, p. 439), onde “força, presença, forma” são apenas palavras para algo que usa muitas máscaras, mas pode ser uma coisa só: o racismo institucional.

No livro, o chef de cozinha negro Richard Hallorann salva as vidas brancas de mãe e filho do incêndio do Hotel Overlook. Os jornais insinuam, no entanto, logo depois do incêndio, que ele era o principal suspeito do acontecido (King, 511-512), o que é negado por Winnifred Torrance, a mulher branca salva, “O incêndio não foi provocado. O único crime que o sr. Hallorann cometeu foi a de salvar a minha vida e a do meu filho. E, se ele for condenado por isso, ficarei feliz em cumprir a sentença por ele.” (King, 514). A caldeira explodira.

Halorrann não foi condenado. Havia enfrentado forças terríveis para chegar até o Hotel Overlook, sob neve forte, no topo dos Estados Unidos, a 3200 metros de altitude, nas montanhas rochosas, no Colorado.

E foi quando o cheiro de laranja o atingiu com força total, com ira assassina: (SAIA DAQUI SEU CRIOULO SUJO NÃO SE META SEU CRIOULO VOLTE OU MATAREMOS VOCÊ ENFORCAREMOS VOCÊ NUMA ÁRVORE SEU MALDITO CRIOULO E DEPOIS QUEIMAREMOS SEU CORPO É ISSO QUE FAZEMOS COM CRIoulos POR ISSO VOLTE IMEDIATAMENTE)³. Em seguida o carro bateu em uma barreira, derrapou e parou. As rodas traseiras giravam. Hallorann gritou no espaço confinado do carro. A mensagem não lhe chegou em palavras, mas numa série de desenhos que formavam palavras, atiradas contra sua cabeça com uma força terrível. Tirou as mãos do volante para afastar as imagens. (King, 2020, p. 411-412).

³ As letras são maiúsculas, pois é como o texto, simbolizam imagens.

No filme citado, Hallorann é morto no hotel por um homem branco. Como no filme, um hotel é um espaço do confronto dos olhares.

“Sabemos que o sujeito se constitui no olhar do outro”, dos olhares das figuras parentais já se pode deparar com os efeitos do racismo, “olhar que poderá ser continuamente reforçado pelos diferentes olhares que esse indivíduo irá encontrar ao longo do seu desenvolvimento”. (Silva, 2017, p.82-84). O racismo é o fantasma que ronda as existências e mobiliza as forças psíquicas do sujeito num jogo de vida e morte.

O hotel é um lugar de confronto de psiquismos, que podem embaralhar o simbólico, o real e o imaginário lacanianos, como no caso dos mecanismos de defesa patogênicos presentes nos sujeitos e nas instituições, feito deslocamento, regressão, projeção, isolamento, formação reativa, racionalização, repetição, “sintomas” que podem indicar recalques, repressões, negações.

Pois racismo é denegação da latinoamefricanidade, dizia Lélia Gonzales⁴. Psicologia individual é psicologia social, dizia Freud⁵. Fanon em “Pele negra, máscaras brancas” e “Os deserdados da Terra” mobiliza as pulsões necessárias para o combate ao racismo, ao colonialismo, na guerra anticolonial dos olhares. Fanon, conhecedor de Freud, não mobiliza apenas as armas do amor para o combate ao racismo, ao colonialismo, em sua luta de vida e morte (Guimarães, 2013). Mas, pode-se não enxergar o racismo,

O racismo é um fenômeno presente em diversas sociedades contemporâneas, latente na cultura, nas instituições e no cotidiano das relações entre seres humanos. No entanto, há pessoas que não o enxergam ou pretendem não vê-lo. (Munanga, 2017, p. 33).

E a tara racista persiste no tempo longo da história do Brasil e se regenera sempre, o racismo se regenera sempre, feito fantasma do hotel Overlook, como estudou Neusa Santos Souza, Izildinha Baptista Nogueira e muita gente mais.

Ademais, o racismo brilha ainda por outros tons de narcisismos que podem habitar os ambientes institucionais, como o narcisismo das pequenas diferenças, também presente na obra de Freud e “pelo qual é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade”

⁴ Borges (2017, p. 7).

⁵ Borges (2017, p. 7).

(Kon, 2017, p. 20). Laços de amor e de ódio podem habitar uma instituição, como um hotel, como o Overlook.

O indesejável, o estrangeiro, “o negativamente desigual” é o não-Eu útil que destoa “ao adotarmos como padrão de verdade e beleza o eu ideal narcísico (em nosso caso o do branco colonizador), o que Freud denominou “ego prazer purificado”. (Kon, 2017, p. 20).

Vestido de um “ego prazer purificador” ou de um narcisismo institucional, um hotel tem dimensão narcísica que opera por meio dos sujeitos que compõem a hierarquia organizacional e também por seus fantasmas.

A presença de um corpo negro num hotel pode acionar o alarma racista invisível, as vocações narcísicas ferozes da instituição e questionar o jeito como ela se vê no espelho, além do contexto em que se insere a instituição, já que suas tensões exprimem as tensões de um dado tempo da história e seus desdobramentos. A história não paralisa o psiquismo, tampouco o racismo,

Ele tem um percurso e várias histórias, que devem ser interpretadas de acordo com épocas, modelos culturais e estruturas de poder das sociedades que o praticam. Apesar de obedecer a uma mesma lógica de hierarquização dos “outros”, o racismo passa, no decorrer dos anos, por uma complexidade de mutações em suas figuras sociais, culturais e discursivas. (Munanga, 2017, p. 33).

5. O HOTEL ESTADUNIDENSE NO MEIO DO CAMINHO DO ABOLICIONISTA BRASILEIRO ANDRÉ REBOUÇAS EM 1873.

Há muitas interpretações sobre a abolição inconclusa no Brasil. A abolição de 1888 foi aquela de dois parágrafos curtos: declara-se extinta a escravidão, revogam-se as disposições em contrário e só. A abolição foi fruto de longa jornada de luta.

Os negros Luiz Gama, José do Patrocínio e André Rebouças, este último nome da famosa avenida de acesso ao campus da USP, foram uns dos protagonistas da luta pela abolição da escravização negra na segunda metade do século XIX.

Luiz Gama com a palavra,

Ilustrado redator: Acabo de ler, sem espanto, mas com pesar, o contristador escrito, publicado na (...) Província [de São Paulo] de hoje, contra o distinto cidadão José do Patrocínio. Em nós, até a cor é um defeito, um vício imperdoável de origem, o estigma de um crime; e vão ao ponto de esquecer que esta cor é a origem de riqueza de milhares de salteadores, que nos insultam; que esta cor convencional da escravidão, como supõem os especuladores, à semelhança da terra, ao través da escura superfície, encerra vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade. Vim [lembrar ao] ofensor do cidadão José do Patrocínio por que nós, os abolicionistas, animados de uma só crença, dirigidos por uma só ideia, formamos uma só família, visando um sacrifício único, cumprimos um só dever. José do Patrocínio, por sua elevada inteligência, pelos seus brios, pelo seu patriotismo, pela nobreza de seu caráter, pela sua honradez, que não têm cores, tornou-se credor de estima e é digno de louvor dos homens de bem. (Ferreira, 2011, p. 151)

A Lei Áurea calaria sobre o crime da escravização contínua e ilegal de cerca de 700 mil negros e negras, de todas as idades, feita à revelia do marco legal de 1831 (Chalhoub, 2012) até 1850, o que deixou a ferida da violência institucional aberta no Brasil ora Estado-Nação independente nos oitocentos afora.

Para o historiador Luis Felipe de Alencastro, a condição do escravizado negro, da escravizada negra no novo Estado-Nação era peculiar: o senhor de escravo não queria ver o escravizado preso, mas queria permissão para bater e dominar pela violência, assim o escravizado negro, coisa, propriedade particular do senhor patriarcal, fica de fora do código penal porque não pode ser preso, mas dentro da violência da dominância pelas próprias mãos dos senhores de escravo.

Ou seja, a violência institucionaliza-se contra uns, contra o negro, a negra. Para tanto, havia um terreno fértil de mais de 300 anos de escravização negra, terra de plantar e colher sempre nova safra de violência, sempre renovada institucionalmente, sempre sobre os corpos negros e indígenas mais do que outros.

Seria um luxo extemporâneo chamar isso apenas de racismo, seria quase uma alienação não ver aí as raízes do racismo no Brasil. Há os dois lados na contenda. Há o

terror da escravidão sobre os corpos negros que lutam de todas as maneiras contra a opressão violenta.

Quando, porém, por uma força invencível, por um ímpeto indomável, por um movimento soberano do instinto revoltado, levantam-se, como a razão, e matam o senhor, como Lusbel mataria Deus, são metidos no cárcere; e aí, a virtude exaspera-se, a piedade contrai-se, a liberdade confrange-se, a indignação referve, o patriotismo arma-se: trezentos cidadãos congregam-se, ajustam-se, marcham direto ao cárcere: e aí(oh! é preciso que o mundo inteiro aplauda) a faca, o pau, a enxada, o machado, matam valentemente a quatro homens, menos ainda, a quatro negros; ou, ainda menos, a quatro escravos manietados numa prisão. (Ferreira, 2011, p. 154-155).

Daqueles três da luta abolicionista no meio do chão da violência institucional da escravidão, Rebouças, “gato escaldado” pelo pai e sob a proteção deste, conseguira se formar em engenharia, de certo modo, “desviando-se” de sua cor, feito aristocrata no Império, na corte escravista de Dom Pedro II.

Mas, essa visão idealizada, esse espelho de si produzido, essa negação, sofreria abalo no Hotel Washington em Nova York. É ver para crer.

Conta um amigo seus “sucessivos triunfos”, “ruído e renome cercaram logo os primeiros passos e empreendimentos do emérito e ousado engenheiro [...] Afluíam-lhe trabalhos e dinheiro e, como era natural, não lhe faltaram amigos e admiradores...”⁶. Ao contrário de Gama, Rebouças alcançou alta posição social que eclipsou sua cor. Entre a aparente indiferença a ela nas altas-rodas – o “meu inglês” de Itaboraí – e o autacamuflamento, pôde chegar á idade madura sem se referir à própria pele nem ao confessional íntimo, o diário pessoal. Isso mudou em Nova York. Passara pela Europa, em óperas e recepções aristocráticas, as do chanceler brasileiro em Londres, as de Veneza e Milão, de braço com Carlos Gomes. E assim também em Viena e Paris. Na volta, em junho de 1873, aportou nos EUA. Justo na potência ianque, seu modelo de progresso, experimentou a mesma subordinação social que Gama purgara em São Paulo. Na Europa e no Brasil, nas rodas chiques, fazia ouvidos mocos a chistes, obstáculos, antipatia e até à carta anônima, escancarando “a qualidade minha de mulato”. Era antes de tudo aristocrata, a quem acontecia não ser branco. Na metrópole burguesa, avessa a etiquetas nobiliárquicas, a cor sobrepunha a fidalguia. A raça operou como limite social e ele se viu enxotado de seguidos hotéis em Nova York: “Depois de algumas tentativas, compreendi que era dificuldade da cor a causa das recusas de aposento”. Ao fim, por intermédio do consulado brasileiro, obteve lugar no Washington Hotel com a condição de comer no quarto e nunca aparecer no restaurante. Era “um quartinho muito sujo no

⁶ Carvalho (1998) frisa o isolamento de Rebouças, que se configuraria mais tarde, mas, mostra Trindade (2011, pp. 111 ss), primeiro ele logrou sucesso como engenheiro por meio de sua rede de relações. O amigo é Taunay (1893-4, pp. 142-3).

terceiro andar [...]. Fui pela manhã obrigado a tomar banho em uma barbearia”. Não pôde acompanhar um amigo ao programa preferido: “O prejuízo da cor impediu-me de assistir ao espetáculo no ‘Gran Opera House’”. Em 16 de junho dormiu com fome, tal o veto dos restaurantes. Fugiu para a Pensilvânia. Achou a Filadélfia suja, a Filadélfia achou Rebouças negro: “Ainda o prejuízo da cor obrigou-me a fazer a refeição no nosso quarto”. Quando intervenções de amigos lhe obtiveram lugar no French’s Hotel, em Nova York, tentou reassumir a identidade de aristocrata, reclamando de “um serviço de criados muito inferior ao dos hotéis da Europa”. Mas sua identidade estava trincada. Os Estados Unidos partiram seu espelho. Experiência intensa de uma sociedade, na qual, na ausência das hierarquias aristocráticas, a cor se fizera marca de distinção, diferenciadora e subordinadora, um estigma. Apreciador de simetrias, exatos dois anos depois de libertar os últimos escravos de sua casa, deu-se conta de que era também rebento do tráfico africano. A condição durava indelével na pele. Isso Rebouças aprendeu, literalmente, na carne. (Alonso, 2015, p. 110-111).

O racismo institucional do Hotel Washington, de Nova York, em 1873, 15 anos antes da abolição inconclusa da escravidão no Brasil, se por um lado informa sobre a hierarquia racial estadunidense e seu gozo institucional, por outro lado expõe a complexa institucionalidade do racismo brasileiro por meio do diário escrito do viajante negro André Rebouças estudado por Alexandro Dantas Trindade e por Angela Alonso.

Importa aqui estabelecer relação com as perspectivas que informam esse artigo. Fica evidente no trecho que através do Hotel Washington, “o espelho” de André Rebouças quebra. Isso indica um antes e um depois do espelho quebrar. Nos dois momentos, o sujeito procura por estratégias para inserção numa sociedade racista e escravizadora de negros, legal ou ilegalmente.

No primeiro momento há um elaborado psiquismo mui particular: eclipa-se a cor, há um autocamuflamento levado até a idade madura, faz-se ouvidos mocos para chistes, ultrapassa-se obstáculos sociais institucionalizados no Brasil contra o negro, foge-se de antipatias, de provocações e xingamentos como uma carta anônima.

Ou seja, constrói-se um Eu-ideal praticamente branco, blindado de frágil armadura, superpondo-se um sujeito imaginário sobre um sujeito real, como estratégia de sobrevivência na aristocracia brasileira que sinaliza alguma zona mínima de conforto. É também como estratégia de ascensão social e de manutenção do status social atingido pelo pai.

Talvez essa estratégia tenha sido de sucesso para “driblar” o rolo compressor do racismo institucional ou para fugir da morte da violência comum contra os negros.

Antes de Kafka, trancado no quarto do Hotel Washington, talvez André se sinta dentro do processo kafkiano, dentro de um processo inominável, mas institucional, porque é uma engrenagem institucional e as pessoas cumprem papéis racistas e pode até não ser nada pessoal, nenhum funcionário do Hotel Washington quer perder o emprego, no limite, cumprem ordens como Eichmann.

O narcisismo lucrativo e não sem dor, de ver no próprio espelho uma pele branca num homem negro, poderia ser explorado até o limite para buscar arrancar frestas de benesses no processo institucional em curso, que só chamar de racista, pode parecer nonsense.

Porém, esse narcisismo particular, que talvez não caiba na moldura mesma do narcisismo do sujeito, não funcionaria no Hotel Washington de Nova York. É outro momento, um segundo momento. O sujeito percebe sua imagem ideal projetada no espelho trincar, quebrar, desabar no chão.

Os restos psíquicos dos navios negreiros estão entre os cacos de vidro que são juntados em suas mãos negras e faz ferir, dentre outros vidros cortantes que fazem ferir.

Pela humilhação, pela fome, pela dor, um negro visceral emerge para uma luta antirracista e os desafios de sua época num mesmo André Rebouças. Seu direito a um quarto, a assistir uma ópera, a comer num restaurante talvez lhe grite nos ouvidos.

Outra fidalguia invade o sujeito que carrega o fardo da cor negra em quadro de racismo institucionalizado. Ele clama por apoio e intervenção da embaixada brasileira do Império escravocrata dos oitocentos para lhe acudir. Ele vai de um estado a outro nos EUA escravocrata.

Não é só um hotel, são os hotéis que são assim, institucionalmente não há lugar para negros. Se os havia no Brasil, não era lugar para negros também. Estar num hotel é a marca institucional da distinção. Não estar é a exclusão, pois,

A busca de distinção está entrelaçada de modo indissolúvel aos preconceitos. O distinto é o contrário social do excluído. As relações de distinção e exclusão são possíveis porque, entre o distinto e o excluído, coloca-se a barreira do preconceito. Pessoas são rigidamente qualificadas como

“mais” ou como “menos”, e as distâncias sociais tornam-se quase intransponíveis. (Almeida Jr., 2016, p. 236).

A lógica organizacional do racismo institucional ocupa-se da garantia da distinção e suas barreiras, sem qualquer outro interesse pelo destino do excluído. O status quo faz ecoar suas cornetas não apenas ao vento, mas institucionalmente, com lógicas bem calculadas e muito práticas, como um “não há quartos livres” asséptico da boca da burocracia ao nível da rua.

Talvez o episódio tenha servido para André Rebouças enxergar além do espelho. Ele visceralmente se envolveria na luta contra a escravização negra e pela abolição no Brasil. Para tanto precisaria acabar com a escravidão, mudar a lei, a institucionalidade tangível e intangível, ofício de muitas mãos, de muitos corpos.

O caso ilustra um parto antirracista das entranhas do racismo, que motiva, move um sujeito, em sua situação histórica, empurra um sujeito para fora do próprio sujeito, numa intervenção coletiva sobre o mundo social dado a necessidade profunda – um vulcão inconsciente entra em erupção simultaneamente no tempo e no momento histórico em vários sujeitos – de alterar o racismo institucional, missão de muitas mãos, de muitos sujeitos. O racismo institucional do hotel Washington em Nova York era o espelho do racismo do Estado, estadunidense e brasileiro. Espelho da forma como operava os mecanismos da dominância social.

O Hotel Washington é também o hotel da cultura que estilhaça o sujeito ou uma conformação do sujeito, conforme as tensões instintos/pulsões/ desejos versus as regras duras e violentas da cultura, como argumenta Freud em “O Mal-Estar na Civilização”.

O antirracismo visto por esse ângulo é a insubordinação cultural com a cultura dominante. Já o racismo institucional equivale a uma espécie de gozo da cultura dominante que intenta subalternizar o sujeito-coisa como objeto do desejo. É a guerra.

6. O HOTEL ESPLANADA DA PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO EM SÃO PAULO, O NÃO À HOSPEDAGEM DE KATHERINE DUNHAM E A PRIMEIRA LEI CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO BRASIL.

Nem só de Zé Carioca se faziam as relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Um dos grandes vencedores da segunda guerra mundial, que derrotara os fascismos dos anos 1920-1940, o governo americano, no pós-guerra, por meio de seu departamento de

Estado, empreende agressiva diplomacia cultural ao redor do mundo, mobilizando artistas internamente e divulgando a cultura americana “all around the world”. São as missões culturais americanas, que envolvem não só o intercâmbio de artistas, mas de cientistas e pesquisadores.

Visto de longe, havia um calcanhar de Aquiles em certas partes do poder estabelecido no globo, na dominância social. Em que pese terem derrotado os fascismos, o apartheid dos negros dentro dos EUA era um escândalo, pois muitas vidas negras foram ceifadas na guerra em nome dos EUA. O mesmo escândalo ocorria nas colônias africanas. Não menos escandalosa era a situação social dos afrodescendentes em variados países, como na América Latina.

Assim, uma missão cultural americana no estrangeiro não era como um desenho animado do Zé carioca, pois as contradições afloravam.

Os hotéis eram epicentros destas ocorrências.

O mundo, “Este mundo é uma mitologia perfeita: o homem é o eterno Sísifo.” (Ferreira, 2011, p. 153), dizia Luiz Gama em 1880. Nascido em 1913, na Argélia, membro da geração de europeus que aos vinte anos tinham Hitler no palco, o franco-argelino Albert Camus, estava no pêndulo entre seu livro de sucesso “O mito de Sísifo”, sobre o absurdo europeu da condição humana e o processo de criação do novo livro “O Homem Revoltado”.

Camus rejeita os hotéis de luxo do Rio de Janeiro já na sua chegada em 15 de julho de 1949, vindo pela nova missão francesa nos trópicos, para visitar o Brasil e proferir a conferência “O tempo dos Assassinos”, sobre a Europa.

Oferecem à minha escolha um quarto na residência da Embaixada, que está deserta, e um hotel de luxo como há em todo lugar. Fujo do maldito hotel de luxo e me congratulo ao encontrar o mais simples e encantador dos quartos, numa residência absolutamente vazia. (Pinto, 2019, p. 57).

Lembra da Argélia, ao perceber o Rio de Janeiro real,

O contraste mais impressionante é fornecido pela ostentação de luxo dos palácios e dos prédios modernos com as favelas, às vezes a cem metros do luxo espécies de bidonvilles agarrados aos flancos dos morros, sem água nem luz, onde vive uma população miserável, negra e branca. As mulheres

vão buscar água no sopé dos morros, onde fazem fila, e trazem de volta sua provisão em latas de alumínio, que carregam nas cabeças como as mulheres Kabiles. (Pinto, 2019, p. 57)

Camus vai ao terreiro na baixada fluminense junto com Abdias do Nascimento, vai ao Teatro Experimental do Negro. O livro “O Negro Revoltado”, das edições GRD, editado em 1968, já cita na apresentação Camus: primeiro “O que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas ao negar-se não renuncia: é também um homem que diz sim desde o primeiro momento”, depois “Eu me revolto, logo nós somos”. (Nascimento, 1968)

É uma chave para a importância da ação antirracista coletiva. Aflora uma interpretação do absurdo da condição do negro do Brasil.

Já em 1947, a cientista negra norte-americana Irene Diggs, foi barrada no Hotel Serrador, o que levou Abdias do Nascimento, o movimento negro, um conjunto de artistas e intelectuais brancos e negros a uma forte reação antirracista com uma hospedagem coletiva simbólica em desagravo no Hotel Serrador no Rio.

Porque sou negra. O hotel Serrador arranhou às pressas uma desculpa amarela que não me convenceu. Não sabiam, naquele hotel, que a Dra. Irene Diggs era negra, e daí a atrapalhão em que ficaram quando me apresentei na portaria. (...) Revelarei então o que todo mundo ignora em meu país, isto é, que este grande país onde a raça negra já produziu gênios e heróis com Henrique Dias, Aleijadinho e outros, dissimula seu preconceito de raça como a brasa debaixo da cinza. (Nascimento, 1968, 26).

O hotel voltaria atrás e buscaria corrigir a discriminação racial. Uma foto à página 160 do livro “O negro revoltado” (Nascimento, 1968), título que soa como uma homenagem franca a Camus, expõe a ação antirracista no hotel Serrador naquele ano de 1947.

Muitas vezes a pesquisa científica brasileira ao olhar Camus e a estética do absurdo, passa batido sobre a profícua relação artística e estética entre a obra de Camus e a experiência do Teatro Experimental do Negro (TEN), quase nada pesquisada, como se Camus fosse o homem com asas, o anjo branco que voava num conto de Gabriel Garcia Marques e que de repente pousou em Duque de Caxias, para espanto do povo do lugar, mas que desapareceu quieto num navio de volta para a Europa.

Mas, o Hotel Esplanada, de São Paulo, não voltaria atrás. Não faria como São Pedro na Bíblia. Negaria, negaria, negaria e continuaria negando a hospedagem a uma negra americana. Não era o Hotel Serrador. O racismo estava totalmente institucionalizado ali. Mas as coisas não ficariam assim.

Fora o esposo branco de Katherine Dunham que fizera a reserva por telefone. Para ele tudo bem, só que ela não, pois o Hotel Esplanada não sabia que ela era negra, descoberta feita apenas após a repercussão na imprensa da turnê do grupo estadunidense que ficou hospedado um mês no Copacabana Palace no Rio de Janeiro e mudava com a turnê para São Paulo. O casal estava junto na turnê, já haviam passado por Cuba e depois iriam para o Chile. Venceram certame difícil dentro dos EUA para ganharem a verba cultural para o grupo.

A ação decidida da negra Katherine Dunham destoa do clássico da covardia: “deixa por isso mesmo”. Espécie de elo forte da sustentação do “racismo cordial”. Katherine informa um posicionamento antirracista sem pasmos, fantasmas ou espelhos. Para o despudor racista o equivalente despudor antirracista. Come-se o bispo Sardinha, como informa a antropofagia de Oswald de Andrade. Ainda que Oswald, talvez fosse habitue do Esplanada.

A negra era vacinada. Dentro dos EUA e fora, a discriminação racial, o racismo institucional em hotéis, clubes e casas noturnas já consolidara suas regras tácitas. Ela se preparava preventivamente para reagir ao racismo fazendo a denúncia publicamente para a imprensa. “Naturalmente senti-me ferida. Minha vida tem sido uma luta: mostrar que o preconceito é um absurdo”. (Nascimento, 1968, p. 27).

Nos EUA havia uma imagem mítica do Brasil como paraíso racial, advinda dos estudos na Universidade Columbia, seja o pioneiro de Rudiger Bilden (inconcluso), seja o seguinte de Gilberto Freyre. O Brasil não era os EUA. No avião para o Brasil, a atriz lera Casa Grande & Senzala, no Rio de Janeiro, entretanto, teve contato com duas realidades narrativas: um roteiro de festas e recepções para a missão cultural americana pelas mãos de Gilberto Freyre em pontos da alta sociedade carioca e um outro roteiro ao lado de Abdias do Nascimento. Ela tiraria suas próprias conclusões e afastaria de si a visão idílica. O jornal “O Quilombo” lhe mostraria outras realidades das relações raciais no Brasil.

Inaugurado no auge do café paulista, no começo dos anos 1920, o Hotel Esplanada foi construído pela família Prado e Crespo e tinha também dinheiro dos Guinle. Era um hotel luxuoso no centro de São Paulo, era um espaço de sociabilidade branca, com grandes salões de baile. Na década de 1950 o Hotel Esplanada é decadente, viraria depois sede da empresa Votorantim, depois Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. A ação racista visava chacoalhar e chamar a atenção para a sua posição de elite branca e com isso resgatar antiga clientela. Isso informa a permanência do racismo institucional. Mas, o tempo não volta.

Recusada a reserva no Hotel Esplanada o casal de artistas americanos hospeda-se no Hotel Marabá. Mas, no intervalo da estreia do Show, Katherine Dunham sobe nas tamancas e roda a baiana: ela havia convocado uma coletiva de imprensa e...pimba...denuncia o Hotel Esplanada. A notícia ganha as páginas dos jornais Diários Associados, ganha o debate público brasileiro, polariza as posições políticas num quadro de eleições para presidente da República e para Governador do Estado de São Paulo.

PRESENÇA FASCISTA

O descendente de italiano, empresário e milionário, candidato ao cargo de governador do Estado de São Paulo nas eleições de 1950, Hugo Borghi, explorará e ventilará, nas suas 130 estações de rádio que chegou a controlar, o racismo e o ódio, tomando partido a favor do Hotel Esplanada e contra Dunham. Essa semente da relação entre racismo e fascismo no chão da política brasileira é pouco estudada. Da tentativa frustrada de controlar o PTB no Estado de São Paulo, como se coubessem dois getúlios num só partido nacional, Hugo Borghi criará o Partido Trabalhista Nacional (PTN), onde obteve, em janeiro de 1947, 340.562 votos ou 30,5 % do total e em outubro de 1950, 404.736 ou 28,4% dos votos para governador do Estado de São Paulo. O racismo tinha força. Não tendo sido eleito nas duas ocasiões, seria duas vezes eleito deputado federal depois, encerrando sua carreira política como deputado federal da Arena, em apoio a ditadura militar, nos anos 1960.

Como governador do Estado de São Paulo e em apoio ao seu candidato, Adhemar faria proselitismo contra o preconceito e “compraria” todos os ingressos do

show por dois dias e convidaria a população negra a assistir, em desagravo a dançarina e antropóloga negra Katherine Dunham e sua companhia.

Desde 1945, entretanto, há pegadas de censura por parte das autoridades paulistas à temática racial desenvolvida pelo Teatro Experimental do Negro no Estado de São Paulo.

PRIMEIRA LEI ANTIRRACISTA

Para derrotar Getúlio Vargas, Afonso Arinos, da UDN, crava na história parlamentar brasileira a primeira lei antirracista “pelas mãos do parlamento”. O racismo passa a ser crime. O projeto de lei de 1950, inspirado no caso da antropóloga Katherine Dunham vira lei sancionada por Getúlio Vargas em 1951, a lei 1390/51, que ficaria conhecida como Lei Afonso Arinos.

Esse caso, com base em palestra do Professor Jerry D’Avila, proferida na Faculdade de Educação da USP, no primeiro semestre de 2017, revela a força do racismo institucional e o potencial da ação antirracista, que vai até a política pública.

Mas, como argumentaria o professor por ocasião da palestra, a Lei Afonso Arinos, assim como outras ações equivalentes na América Latina no período, buscava dar um verniz para camuflar e não superar a desigualdade racial, espécie de resposta calibrada para acalmar o mundo real depois do absurdo horror das experiências fascistas, como se não tivesse havido escravidão por essas paragens com uma plantação pior do absurdo, do horror humano.

A lei, ainda que importava muito, não pegaria tanto. Mas auxiliaria a adiar as reparações da violência institucional acumulada, do racismo institucional acumulado na história do Brasil e da perpetuação do quadro de desigualdade racial.

Assim ela, *pari passu*, se encaixaria como mais uma peça na engrenagem do racismo institucional brasileiro e “frearia reivindicações negras”.

De qualquer modo, o caso de racismo no Hotel Esplanada indica elementos de conexão entre o racismo institucional e o fascismo em solo brasileiro nos anos 1950, o que requer mais pesquisa acadêmica, infelizmente, apenas exploratória, na métrica desse artigo.

7. O HOTEL MAKSOUD PLAZA E AS REPARAÇÕES JÁ!

Em 19 de novembro de 1993, o “impenetrável” hotel de luxo Maksoud Plaza, localizado na região dos Jardins, próximo à Avenida Paulista, seria palco de um inesperado protesto do movimento negro. Doze integrantes entrariam no restaurante do hotel, comeriam do bom e do melhor, lagosta e champanhe francesa, denunciariam a exclusão racial no Brasil, clamariam por reparações já e sairiam sem pagar a conta sendo perseguidos pela polícia nas ruas da região. O ato corajoso, inspirado numa estética teatral, ganharia a capa do jornal Folha de São Paulo de 20 de novembro de 1993 e reportagem. Um teatro violento como a violência da escravização negra. O objetivo era alarmar a sociedade nas vésperas do dia da consciência negra.

Nesse episódio a presença negra em santuário branco visava o estranhamento e a ação antirracista denunciava, mais de cem anos após a abolição, a permanência de gritantes desigualdades raciais, o Hotel era simbólico.

8. À GUIZA DE CONCLUSÃO OU OS FANTASMAS DOS TIVOLIS MOFARREJIS PODEM ESTAR À ESPREITA... E os CAPOEIRAS TAMBÉM,

Primeiro neurocientista negro a se tornar professor titular da Universidade de Columbia, em Nova York (EUA), Carl Hart, 48, diz ter sido barrado na quinta-feira (27) na entrada do hotel cinco estrelas onde se hospedaria e ministraria uma palestra a convite do seminário do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim), em São Paulo. (Fernanda Mena, Folha de São Paulo, 29/08/2015)

Diggs talvez não fosse cientista em 1947, não fosse a ação antiescravista de Frederick Douglass nos idos de 1873, o negro ex-escravo que inspiraria Rebouças na luta abolicionista. Talvez Katherine não tivesse nem o quarto de Rebouças, caso estivesse em 1873 no Hotel Washington. Talvez o neurocirurgião Hart “não achasse” hotel em São Paulo em 2015, não fosse a atitude arrojada antirracista de Katherine Dunham em 1950. Para cada momento da história apresenta-se um perfil de racismo e como par equivalente uma estratégia de combate antirracista.

Talvez o racismo contra Rebouças em 1873 se baseasse numa razão onde a biologia tinha grande peso para uma pseudocientificidade de uma hierarquização racial. Talvez o racismo contra Katherine dissesse respeito ao gênero, à mulher negra, ou talvez junte pseudo razões biológicas com razões racistas de cultura e status. A reação antirracista de Katherine se deu na cultura. Tipos distintos de racismo e antirracismo talvez.

Mas, permanece o racismo contra o negro, a negra e a desigualdade racial, em que pese inegáveis avanços. O racismo institucional, como visto nos hotéis, indica a permanência do racismo para além dos sujeitos, como os fantasmas brancos presentes no Overlook. Para superar o racismo institucional, o artigo destaca a importância da denúncia pública e da luta pública e coletiva, de grupo mesmo, contra o grupo dominante/opressor (Sidanius, 2004), onde desponta a experiência do grupo de brancos e negros, liderados por Abdias Nascimento no caso do Hotel Serrador no Rio de Janeiro em sua ação antirracista.

O breve estudo deste artigo também indica sombras, mesmo dentro dos hotéis, para o entendimento do racismo institucional, e a urgente necessidade de convocar essa agenda de estudos interdisciplinares na academia, pois uma coisa é falar abstratamente

de racismo institucional, outra coisa é inventariar as suas ocorrências históricas em instituições particulares.

Igualmente importante, como fruto deste artigo, é considerar, na abordagem dos estudos sobre o racismo, a sua dimensão antirracista, o que talvez retire a castração, a passividade e uma visão espontânea do racismo como dado da natureza, mas o situe historicamente e desvende as armas para combatê-lo e provocar a mudança cultural da sociedade que precisa ser traduzida em políticas públicas na luta pela vida negra e contra a morte de negros. Assim, a tradução em política pública é um horizonte, não o único, para a ação antirracista coletiva.

Por fim, há pistas evidentes de que o racismo estrutura o fascismo, o que se apresenta de dois modos indiciários neste modesto estudo. O primeiro, o posicionamento do candidato ao governo do Estado de São Paulo Hugo Borghi, nas eleições de 1950, ao defender em seus discursos o Hotel Esplanada e sua atitude racista contra Katherine Dunham. O segundo é a própria lógica de dominância social (Sidanius, 2004), que dá suporte ao racismo institucional, ou seja, a necessidade de uma burocracia ampla guiada por esse ethos, pois, como ensina Weber, não há poder sem burocracia. Isso reforça a importância urgente de pesquisas sobre o racismo institucional, porque o fascismo avança invisivelmente como movimento de massas à medida que as massas são mobilizadas e se o racismo institucional ocupa uma posição numa instituição, em outra e em mais outra, delineia-se a presença, quando visto em conjunto, do fascismo na sociedade, obviamente com as sutilezas dos disfarces e das atualizações discursivas, sem vestir carapuças, mas guiado pelo logro, típico da arte da guerra.

Por fim, cabe registrar no longo curso da escravização negra nas Américas as fundações mais profundas do racismo, seja nos sujeitos, seja institucionalmente. Igualmente profundas são as fundações do antirracismo, que não se duvide. Faz-se necessário um exercício teórico de construção de tipologias dos pares racismo/antirracismo e sua dinâmica histórica, bem como dos pares colaterais fascismo/antifascismo, o que requer uma empreitada teórica muito mais demorada.

Referências:

Almeida Jr., Antônio Ribeiro de. **Anatomia do trote universitário**. São Paulo: Hucitec Editora, 2016.

Alonso, Angela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

Borges, Rosane. **Prefácio**. In Kon, Noemi Moritz; Silva, Maria Lucia da; Abud, Cristiane Curi (Organizadoras). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

Carvalho, Maria Alice Rezende de. **O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil**. Rio de Janeiro: Revan; Iuperj-Ucam, 1998.

Chalhub, Sidney. **A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Ferreira, Lígia Fonseca (Org.). **Com a palavra Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas**. São Paulo. Imprensa oficial, 2011.

Guimarães, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. **A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra**. In Almeida, Júlia; Miglievich-Ribeiro, Adelia; Gomes, Heloisa Toller. **Crítica pós-colonial: panorama de leituras contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras/Faperj, 2013.

King, Stephen. **O Iluminado**. Tradução de Betty Ramos de Albuquerque. Rio de Janeiro. Editora Swarcz S.A., 2020.

Lourenço, Conceição. **Racismo: a verdade dói**. São Paulo: Editora Terceiro Nome/Editora Mostarda, 2006.

Munanga, Kabengele. **As ambiguidades do racismo à brasileira**. In Kon, Noemi Moritz; Silva, Maria Lucia da; Abud, Cristiane Curi (Organizadoras). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

Nascimento, Abdias do. **O negro revoltado**. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1968.

Pinto, Manuel da Costa (Org.). **Camus, O viajante: antologia dos textos de Albert Camus sobre o Brasil**. Rio de Janeiro, editora Record, 2019.

Ramos, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2017.

Sidanius et all. **Social Dominance Theory: its agenda and method**. Political psychology, vol. 25, n. 6, 2004.

Silva, Maria Lúcia da. **Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros**. In Kon, Noemi Moritz; Silva, Maria Lucia da; Abud, Cristiane Curi (Organizadoras). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

Trindade, Alexandro Dantas. **André Rebouças**: Um engenheiro do Império. São Paulo: Hucitec, 2011. Coleção Pensamento Político.